

## *Mestre Manoel de Luiz*

Quem leu o escritor João Guimarães Rosa e conversar com Manoel de França Barbosa, Mestre Manoel de Luiz, no povoado de Paiaia, em Santo Estevão, no Agreste, provavelmente vai sentir a obra do Rosa em carne e osso. A prosa boa, envolvente e seca, mas rica em detalhes, vocabulário e imagens do Mestre Manoel começa assim: “Ah meu véio aquele tempo... aquele tempo foi um pouco pesado, apesar da alegria do patrão e daqueles que viam de cidade em cidade a tropa passá”. É que o patrão acumulava a posse da terra e o lucro das mercadorias e o canto da tropa, como ele diz, “era uma boniteza, meu senhor“. Seu Manoel foi tropeiro por muitos anos, trabalhou muito, levava e trazia mercadoria de cidade em cidade. Hoje, aos 85 anos, apesar de sentir dor no corpo todo, traz à mostra ainda o homem forte e disposto que foi. É um mestre do samba chula ou coco, mas domina também, como poucos, o canto da tirana, ou seja, o canto de trovador. “A tirana é coisa fácil, mas num é pra todo mundo“. O coco, ele começou a cantar com treze ou quatorze anos. Não toca viola, mas no pandeiro, faz “um remendozinho“. O Mestre diz que o samba não se ensina, até se aprende vendo e ouvindo o outro fazer, porém mais do que isso, é um dote que a pessoa traz “no juízo“, é um segredo. Enfim, “quem samba mais samba mais, quem samba menos, samba menos... né nada não que a providência de lá de cima é a sobretudo“.